

GLADSTONE.

(Right Hon. William Ewart Gladstone)

Apresentamos hoje aos nossos leitores o bello retrato de um grande homem de Estado de Inglaterra que o mundo todo préza e admira.

Para encarecer o alto merecimento de Gladstone, narrar a sua vida e apontar os seus gran-

des serviços, haveria mister encher longas paginas. Aqui, e reservando para trabalhos de mais largas proporções o muito que cumpre dizer, encarecemos o vulto notavel de Mr. Gladstone, com referencia ás classes laboriosas, que tanto lhe devem!

Para apresentarmos noções seguras, neste particular, aproveitaremos, o que em 6 de janeiro



Gladstone.

de 1866 dizia um periodico inglez, consagrado ás classes laboriosas, o *Working Man*; e é o que se segue.

Poucos inglezes nos tempos modernos hão possuido um tão largo quinhão de estima e confiança das classes laboriosas, como William Ewart Gladstone. Durante trinta annos de vida publica muito activa, incessantemente se tem apresentado como sendo o mais verdadeiro e o mais fiel amigo, que jámais teve a communitade industrial. As suas principaes providencias hão sido inspiradas pelo pensamento de promover, tanto quanto cabe nos meios legislativos, o bem estar moral, intellectual e social de milhares e milhares de operarios, á industria dos quaes deve a Inglaterra uma somma incomparavel de riqueza, de grandeza e de poder.

Mr. Gladstone é um dos homens verdadeiramente parlamentares do seculo XIX. Filho de um rico e feliz negociante de Liverpool, vio-se logo no principio ajudado de tudo quanto podia preparamo para um brilhante futuro, menos pela posse de titulos, de nascimento, de ligações, do que por uma muito proveitosa carreira universitaria, pelos habitos do trabalho, por uma reputação illibada, e pela intimidade com a corporação mercantil.

Desfavoravel, primeiramente, ao progresso das classes laboriosas, unio-se aos conservadores, e entrou na reformada camara dos commons em 1832. Embora, porem, se sentasse nos bancos oppositos aos do partido popular, deu immediatamente provas de que possuia um espirito imparcial e perscrutador, semelhante ao do grande ché-

fe, o finado Sir Robert Peel, mais disposto a guiar-se pelas inspirações próprias, do que pelas de partido.

Quando Sir Robert Peel apresentou as suas famosas propostas de liberdade de commercio, encontrou em Mr. Gladstone um dos mais fogosos e diligentes dos seus sustentadores; e quando, entre lagrimas e lamentos do povo, á morada do qual levára o pão barato, morreu Sir Robert Peel, empunhou William Edward Gladstone a espada do finado chefe, e se preparou para ferir novas batalhas pela liberdade do commercio, que tão auspiciosamente haviam começado. Principiando por despedaçar uma por uma as algemas partidarias que até então tinham impedido o cabal desenvolvimento da sua energia, — mais e mais se identificou Mr. Gladstone com o progresso do grande corpo liberal, aos esforços do qual são as classes operarias de Inglaterra devedoras de tamanhos serviços. A proporção que foi adquirindo experiencia politica, deu Gladstone de mão, pouco e pouco, á repugnancia que ao principio sentia para com as classes laboriosas, e depositou uma franca e illimitada confiança no ardente amor do auxilio mutuo, em que depois tanto progrediram. Conduzido pela força das circunstancias, talvez mais do que outro qualquer estadista, ao contracto directo com os operarios, principal nervo das classes industriaes —, descobrio o grande cabedal de nobres sentimentos, a honestidade, e a lealdade que elles escondem debaixo do rude, singelo e livre fallar. Adquirido que foi este conhecimento, aprendeu também a admirar e respeitar os homens, que trabalham mais duramente com as mãos, do que elle com o cerebro, para promoverem, com a força, o poder e a gloria da patria commum.

As classes laboriosas conhecem Mr. Gladstone e elle a ellas; e nesta intimidade entre ambos, o mutuo desejo de se auxiliarem nos seus desígnios e inspirações pode ser encarado — como a aurora da epoca, em que hade cessar a guerra entre classes, — em que o rico e o pobre, o par e o operario, o fidalgo e o campones não de trabalhar, uns com os outros, amorosa e incessantemente, para fazerem triumphar o grande principio do progresso social: *O maior bem do maior numero.*

Voltaremos a fallar deste grande vulto dos nossos dias, o mais que muito illustre Gladstone.

A TRADUÇÃO DE UMA BELLA PASSAGEM DA ESCRITURA

É admiravel de imaginação e de verdadeira poesia o primeiro psalmo de David, que assim começa na Vulgata:

Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum.

(Bemaventurado o homem, que se não deixou ir após o conselho dos impios.)

O propheta pretende caracterisar mui distinctamente o *justo* e o *impio*; e emprega nesse sentido as mais energicas expressões, realçadas pelas semelhanças mais imaginosas.

Desse psalmo, porem, tomarei unicamente dois versiculos da Vulgata, e apresentarei depois diversas traducções portuguezas, e algumas de lin-

guas estrangeiras; e assim conseguirei fazer sentir a excellencia da nossa lingua.

— Para commodidade dos leitores lançarei aqui os dois versiculos latinos; e são os seguintes:

Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit intempore suo:

Et folium ejus non defluet: et omnia quaecumque faciet, prosperabuntur.

Non sic impii, non sic: sed tanquam pulvis, quem projicit ventus a facie terræ.

— Eis aqui a traducção do padre Antonio Pereira de Figueiredo:

«Elle será como a arvore, que está plantada junto ás correntes das aguas, que a seu tempo dará o seu fructo,

«E cuja folha não cahirá: e todas as cousas que elle fizer, terão feliz successo.

«Não são assim os impios, não são assim: mas são como o pó, que o vento espalha de cima da face da terra.»

— O grande Vieira não apresenta uma traducção seguida destes versiculos; mas, aproveitando eu os fragmentos que aqui e acolá, nos seus sermões, se me deparam, posso ainda formar o seguinte conceito:

«Será como a arvore nova e tenra, plantada junto ás correntes das aguas, a qual dará o fructo a seu tempo Os impios se deixam levar do vento como o pó da terra.» (1)

Claramente se vé que os dois traductores reproduziram, não só com fidelidade, senão também com energia o pensamento do propheta, interpretado por são Jeronymo na Vulgata.

— Vamos agora ver como um poeta portuguez exprime o mesmo pensamento:

*Elle é qual tenro arbusto
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas
A erguida frente bem depressa ornando,
Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve pó que o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abate e espalha e com furor dissipa.* (2)

O poeta não traduzio o — *Et folium ejus non defluet* —; e deslocou-o — *et omnia quaecumque faciet, prosperabuntur* — dizendo antes dos versos que ficam citados:

*A fortuna e a desgraça,
Tudo parece ao seu sabor moldar-se.*

Nesta versão poetica os singelos conceitos do propheta são amplificados, e por ventura desenvolvidos em demasiada largueza; no entanto, aprecia-se ainda mais neste transumpto a capacidade da lingua portugueza para bem exprimir os pensamentos elevados.

Não vos atenhaes, porem, a estas unicas provas. O mesmo poeta que nos encantou com a

(1) Sermões. Tomo 5.º pag. 287 — tomo 3.º pag. 287.
(2) Obras poeticas do revd.º Antonio Pereira de Sousa Caldas. Tomo 1.º

precedente traducção, vae offerecer-vos outra versão, de sua lavra, dos mesmos versiculos:

*Qual arbusto que plantado,
Das aguas junto á corrente,
Com frescura permanente
Sempre está verde e copado,
E, no tempo appropriado,
Troca em fructo a tenra flor:
Tal o justo que se esmera
Na lei santa do Senhor;
Logo tudo lhe prospera,
Tudo corre a seu sabor.
Não assim a gente impia:
Mas qual leve pó, que o vento
Ergue e varre num momento,
E solto aos ares envia.*

Dizei agora se não teremos todo o fundamento para apregoar a grande riqueza da nossa lingua, e o quanto são variadas, sem a menor quebra da variedade e da euphonia, as expressões que em seus opulentos thesouros encerra.

— Mas ainda outro poeta portuguez vae apresentar-nos uma imitação do primeiro versiculo, e fornecer-nos elementos para estabelecermos comparação com outros idiomas.

Na Elegia XII de Francisco Dias Gomes encontro os dois seguintes tercetos:

*Devendo eu ser qual arvore plantada
Ao longo d'agua amena, e deleitosa,
De pomos salutiferos ornada:
Fui tronco posto em hora desditosa,
De sombra infesta, inhospita aos humanos,
De ave infausta morada tenebrosa.*

Só o primeiro terceto faz ao nosso proposito; mas addicionei-lhe o segundo para completar o pensamento do poeta. O primeiro é precisamente uma imitação do: *Et erit tanquam lignum etc.*, como não se esquece Francisco Dias Gomes de ponderar em uma das suas preciosas notas, — declarando que tivera na mente a traducção de Fr. Luiz de Leon:

*Será cual verde planta
Que á las corrientes aguas asentada,
Al cielo se levanta,
Con fruta sasonada
De hermosas hojas siempre coronada.*

Addicionei desde logo á citação de Francisco Dias Gomes os dois ultimos versos:

*Con fruta sasonada
De hermosas hojas siempre coronada;*

que faltavam, e que, aliás, são o complemento dos antecedentes.

Fr. Luiz de Leon é um dos mais insignes prosadores e poetas castelhanos do seculo XVI; e de passagem direi, que teve na sua vida um episodio tristissimo, qual foi o de jazer por espaço de cinco longos annos nos carceres do Santo Officio de Valhadolid. Entre as suas estimadas produções poeticas encontra se a traducção do Psalmo I, e é a essa traducção que pertencem os citados versos. (3)

Com rasão convida Francisco Dias Gomes os

(3) Veja — *Vida y juicio critico del maestro Fray Luis de Leon* — por Don Gregorio Mayans y Siscar.

leitores a confrontar a sua imitação com a traducção de Mattei:

*E sarà qual arboscello
Sulle sponde dun ruscello,
Che piantó l'industrie mano
Dell'accorto agricultor.*

Evidentemente, e apesar da doçura do italiano, a vantagem está do lado da imitação do poeta portuguez.

Perdoe-me, porem, Francisco Dias Gomes: o seu

De pomos salutiferos ornada

não reproduz fielmente o — *quod fructum suum dabit in tempore suo*, da Escripura; e se em Fr. Luiz de Leon ha uma amplificação redundante em dizer

*Con fruta sasonada
De hermosas hojas siempre coronada;*

é, no meu conceito, preferivel á imitação do nosso poeta o bello verso de Lourenço de Medicis:

Susi frutti nel suo tempo nasceranno.

— Se agora os leitores recordarem attentamente as diversas e mui variadas traducções portuguezas, das quaes tomámos nota; se meditarem na riqueza, propriedade, e expressiva energia de linguagem, que essas traducções revelam, — hão de convir em que «o idioma portuguez em nada cede aos melhores da Europa, e é capaz de expressar todas as mais notaveis elegancias das outras linguas.» (4) E foi precisamente para recordar esta verdade, que me deliberei a offerecer á consideração dos leitores reflexivos as confrontações que ficam exaradas.

Quanto mais leio os nossos classicos, quanto mais saboreio algumas excellentes produções portuguezas dos tempos modernos, — mais me sinto penetrar do entusiasmo que ao doutor Antonio Ferreira fazia dizer:

*Floreça, fale, cante, ouçase, e viva
A portuguesa lingua, e já onde fór
Senhora vá de si soberba, e altiva.*

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

TELEGRAPHIA TRANSATLANTICA

(Continuado de pag. 264)

V

Agora que a questão chegou, finalmente, a termo prospero; agora que um dos problemas mais difficeis coube ao nosso seculo o resolvel-o definitivamente, convem investigar se ha necessidade e vantagem de augmentar as linhas transatlanticas.

Que não é insuperavel lançar ao mar um fio telegraphico demonstrou-o a Inglaterra. Que os resultados colhidos são admiraveis está-o quotidianamente apregoando a experiencia.

Bastam duas gotas de acido em um dedal de prata e um pequeno fragmento de zinco para produzir uma corrente electrica entre a Europa e a America, e travar conversações atravez os mares.

(4) *Obras poeticas de Francisca Dias Gomes*, Elegia XII e notas correspondentes.

Reunindo os dois cabos na Terra Nova de sorte que se estabeleça a continuidade, a corrente, partida de Inglaterra, vae e volta, galga duas vezes o oceano, anda 3:700 milhas em menos de um segundo!

A electricidade excede o pensamento!

Em frente destes resultados verdadeiramente assombrosos, não será licito perguntar se a actividade deverá parar aqui? Poderá acaso a telegraphia transatlantica ser monopolio da Inglaterra? Grande, livre, poderosa e respeitavel é esta nação, que caminha na vanguarda de todas com a sua industria e o seu commercio, que abraçam o mundo inteiro.

Mas, a Inglaterra, com ser uma das cabeças da humanidade, não é o mundo. Todos, grandes e pequenos, pertencemos ao exercito da civilisação; todos temos os encargos, a todos devem caber as fruições.

E depois, força é confessal-o, o progresso não chegou ainda ao derradeiro limite. Rebente uma guerra fratricida, e a Inglaterra gosará a seu bel-prazer das vantagens da telegraphia transatlantica.

A questão, pois, dos itinerarios, tem sido muito ventilada, e bom é que aqui fiquem consignadas as principaes opiniões sobre assumpto de tanta magnitude.

Os caminhos, que atravessam a terra, podem dividir-se em dois grandes grupos: os do occidente e os do oriente. Estes ligam a Asia com a America; aquelles galgam pelo oceano e communicam as costas occidentaes da Europa com as orientaes da America. Ao primeiro grupo pertencem duas linhas; a que atravessa o estreito de Behring, na America russa (hoje America americana) e a que segue pelas Kourilas, Kamtchatka, Aleontinhas, ligando-se, enfim, com Panama e S. Francisco da California pelo traçado de 5,000 milhas, que vae deste ultimo ponto até o cabo Race. Qualquer destas duas linhas tem pouca importancia para o occidente da Europa, e os despachos chegar-nos-iam mais atrazados do que pelos *steamers* da America.

Ainda que, na opinião do sabio Maury, a Siberia haja de ser o desaguadouro do excesso da população chinesa, a qual virá secundar e desbravar aquelle torrão gelado; é mister confessar que largos annos hão de passar antes desta transformação, a qual, em boa verdade, pouco influirá na Europa.

Caminhando para as Indias muda o espectáculo. Ahi, nesses terrenos feraces, aonde a vida é emanação profusa da natureza, outro e cada vez mais assombroso é o resultado, que a industria e o commercio auferem da telegraphia.

As bocas do Indo, aonde estacaram os soldados de Alexandre fartos de chacinas e victorias que os obrigavam a circumdar a terra, estão já hoje ligadas aos paues do Mississipi, e a vasta cinta que abrange a terra, parte de Calcutta, chega a Londres, atravessa o oceano atlantico, e desenrola-se desde New-York até S. Francisco.

Examinando detidamente o circuito immenso,

que liga a India com a America por Londres; avaliando as quasi insuperaveis difficuldades que é forçoso arrostar quotidianamente; ponderando a perda de tempo e mil outras circumstancias, concluimos que as Indias são o centro do trafego com o oeste da america, Japão, China, Sião, Singapura, Australia, Batavia etc.; mas não são, nem serão jámais a estrada que conduz a New-York, ainda quando a linha transatlantica fosse internacional, e não privativamente ingleza.

Propoz alguém o traçado *arctico*, que seguisse o caminho dos piratas do norte, quando nas suas audazes excursões, chegaram, quinhentos annos antes de Colombo, a Rhode Island e Massachusetts nos Estados Unidos.

Circuito é este muito desviado e fóra do seio da Europa.

Qual será, pois, o traçado, que a industria europeia deve escolher, e que, partindo do occidente, chegue á America?

Claro é que as paragens da Terra-Nova são defesas, em virtude do privilegio concedido á companhia anglo-americana.

Caducou, pois, o plano, que alguém aventou em França, de ligar Brest com a Terra-Nova.

Basta, porem, atravessar o oceano na sua maior largura.

Diversos são os planos que hão sido apresentados, e todos tem a pecha de serem demasiado francezes. Entre todos estes planos o unico que responde a todas as exigencias e satisfaz todas as condições é o do sr. Marcoartu, engenheiro em chefe de pontes e calçadas em Hespanha.

Este habil engenheiro, discutindo e comparando com muita sciencia todos os traçados, chegou a um resultado que convem tornar bem conhecido.

Partio o sr. Marcoartu de um principio altamente racional, qual é o que estatue a necessidade de diminuir as travessias embora augmente a distancia total dos circuitos.

A suprema vantagem deste principio é bem patente.

Sendo prodigiosa e quasi incommensuravel a velocidade das correntes electricas, pouco importa que a distancia total aumente.

Na collocação de um cabo submarino a difficuldade, que mais custa a vencer, é a immersão de grandes comprimentos de fio. Augmentar, pois, as estações intermediarias é necessidade absoluta não só technica, senão social e economicamente, pois, deste modo, mais numerosos são os pontos, que se communicam, mais pronunciada é a feição internacional do cabo telegraphico, e mais facéis de reparar os estragos.

Hoje, que a orographia marinha é bastante conhecida, e as repetidas sondagens mostraram que as profundidades não excedem em certas direcções os limites, alem dos quaes fora necessario augmentar e multiplicar a resistencia dos fios, mais facil se tornou a resolução do problema.

Attendendo, pois, a tão multiplices, quão importantes circumstancias, escolheu o sr. Marcoartu a linha que, partindo no cabo de S. Vicen-

te, no Algarve, passa pela Madeira, Tenerife, Canarias, Cabo Branco, Ilha Brava de Cabo Verde, rochedo de Longchamp no decimo grau de latitude, banco do capitão Walker, rochedos de Coral, Noronha, e, afinal, cabo de S. Roque, no Brazil. Deste ponto extremo partiriam duas linhas corteira: uma iria para o sul até o Rio de Janeiro, e a outra, caminhando para o norte, chegaria á embocadura do Amazonas, donde seguiria até a ilha da Trindade, enlaçando as grandes e pequenas Antilhas, a America Central, o grande oceano, o Mexico e os Estados Unidos.

Quasi todas as nações coloniaes estão empenhadas na realisação deste projecto grandioso.

Portugal, Hespanha, Dinamarca, Inglaterra, França, alem das duas Americas, todos ganham, mais

ou menos, e este cabo transatlantico é o unico verdadeiramente internacional.

Contemplando este traçado, que viria a ser um monumento de gloria para a humanidade, custa a acreditar que 40 milhões de francos bastem para o realisar!

Tão certo é que as obras uteis custam menos dinheiro que as mesquinhas ambições do poderio guerreiro de qualquer despota, que tem miras conquistadoras.

Quando é que os homens se hão de compenetrar da consoladora verdade de que o progresso é, no fim de contas, mais barato do que a menor guerra entre irmãos?

A. OSÓRIO DE VASCONCELLOS.



O bom Parocho

A presente estampa reproduz um quadro dos *Contos de Chaucer*, intitulados — *Canterbury Tales*, a mais nomeada producção daquelle famoso poeta inglez do seculo XIV., modelada, em geral, pelo *Decamerone* de Giovanni Boccaccio.

Já tivemos oportunidade de fallar de Chaucer, por occasião da estampa — *O abbade dos Benedictinos* —; e aqui sómente accrescentaremos o seguinte:

A viagem á Italia proporcionou-lhe a vantagem de se relacionar com o grande Petrarca, e de se familiarisar com a litteratura italiana, — o que lhe foi tanto mais facil, quanto possuia cabal conhecimento da lingua e litteratura latina. A residencia na França familiarisou-o com a litteratura dos Trovadores, que depois imitou a seu modo.

Chaucer teve muito estreitas relações com o

seu compatriota Wieklef (Wickliffe), do qual foi um dos primeiros discipulos.

Se Chaucer, nos seus *Contos*, e em outras produções poeticas, não poupou o clero de Inglaterra no seu tempo, nem por isso deixou de cultivar o sentimento religioso, no que este tem de puro e venerando; e assim formou elle o ideal do *bom parochio*. Simplicidade, como a dos apóstolos; pobreza — na pessoa, mas riqueza nas obras; humildade nos tempos prosperos; paciência na adversidade; caridade — em summo gráo; pureza — na vida; tolerancia completa, e prudencia consummada: eis os traços principaes do seu ideal, de que a presente estampa apresenta um bello specimen.

Com referencia ao merecimento litterario de Chaucer, cumpre-nos tomar nota do elogio que ao poeta faz Warton, na sua historia da poesia ingleza (*History of English Poetry*): = Na elevação e elegancia, na harmonia e perspicuidade de versificação, excede muito e muito os seus predecessores; o seu genio era universal, e accommodava-se a assumptos de uma variedade illimitada; pintava chistosamente e com propriedade os costumes e maneiras familiares; não menos lograva mover as paixões, e apresentar com graça e sublimidade os bellos e grandes objectos da natureza. Em uma palavra, apparece com todo o lustre e dignidade de um verdadeiro poeta, em uma época em que era forçado a vencer uma linguagem barbara e a falta de bom gosto nacional, — em uma época, na qual, escrever versos era uma singular qualificação. =

A linguagem de Chaucer é inteiramente diversa do inglez actual; de sorte que poucas pessoas o podem ler facilmente, e nenhuma sem o auxilio de um dictionario; mas é bem pago o trabalho, não só porque Chaucer nos pinta o estado da sociedade no seculo XIV., se não também porque as suas produções revelam um espirito eminentemente poetico. *

BEATRIZ

Scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII

V

O conde passou a noite a ver Beatriz. Nos sonhos magicos da aurora, appareceu-lhe ella com fórmas mais gentis do que a de Dante.

Ao erguer-se safo de casa. O valle das Furnas parecia-lhe um jardim de fadas. Tudo, ali, lhe exhalava um perfume tão delicado e agradável, que nem nos campos da Italia, nem nos cantões da Suissa achara igual. O ar era-lhe tão leve, o seu peito respirava-o com tanta facilidade, que a vida, que até ali lhe pesava, se lhe affigurava correr em rio de rosas.

Nesse dia, sobre a tarde, o conde safo a passeio com Beatriz. O seu estado, porem, era mui especial para crer no amor da virgem casta dos seus sonhos. Na physionomia de Beatriz se revelava o seu espirito e coração. A um gosto meigo e brando reunia ella um ar timido e gracioso. No seu rosto leu elle, como em livro aberto, os sentimentos que lhe iam n'alma e que o deviam tornar o mais feliz dos homens, se um máo fado o não condemnasse á viuvez do coração.

Beatriz, sem proferir uma só palavra, exprimia mais do que o poderia fazer em longos annos e em muitas phrases; é que um formoso semblante de donzella, com todo o viço da mocidade, communica melhor os seus mysterios mais

reconditos por um olhar sentido, por um sorriso feiticeiro, por um arroubo amoroso, do que por mil palavras escolhidas das linguas mais sonoras, estudadas com esmero e repetidas com primor. Até o S... foram ambos a cavallo, enlevados numa dessas contemplações, que entre gente moça estabelece relações mais intimas do que mil confidencias. Ahi, apearam-se, e foram a pé até a casa da morgada, que ficava defronte da igreja do valle, onde chegaram por noite. O caminho passaram-no sem o sentirem. Um céu de anil, dourado por myriades de estrellas, convidava o coração do conde para o amor ideal e infinito, que Beatriz lhe accendera no peito.

Tendo chegado á casa da morgada, esta dirigio-se para ella, o conde, porem, e Beatriz, esquecidos do mundo exterior e das realidades da vida, iam-se caminho do parque do sr. Hikling.

A morgada, mal notou essa distracção, disse á filha em tom de reprehensão:

— Beatriz, não vês que são horas de nos recolhermos, afim de nos prepararmos para o baile que o morgado Alvares Cabral dá esta noite?

Beatriz, mal ouviu estas palavras, estremeceu como quem acorda de um sonho, e despedio-se com tristeza do conde, que a contemplou com enleio e melancolia.

D. Ignez subio os degráos da sua casa com manifesto despeito. É que ella sentia que o imperio que tinha sobre a filha fugia para as mãos de um estranho. Passava por um transe angustioso para todas as mães, a perda do dominio exclusivo que, na infancia, tem sobre o coração das filhas, e que o amor lhes rouba muitas vezes, para lhes dilacerar os seios da alma, com dores bem pungentes.

O conde foi-se para casa e entrou no seu quarto por alguns momentos; mas lá sentia faltar-lhe o ar, e safo a passear até chegar a hora do baile.

Durante esse passeio tudo lhe sorria. Não era, porem, a belleza dessa mulher que o encantava, nem o orgulho de ser amado, que não soltára ella uma unica palavra que lho pudesse dar, nem o desejo de a possuir, que o seu amor não nasceria dos sentidos, mas do intimo d'alma, nem a esperanza de enlaçar o seu destino com o della, que elle, melhor do que ninguem sabia que isso era impossivel, nem a vaidade de alardear uma conquista, pois tinha espirito mui alto e coração muito nobre para se vangloriar com essas ostentações, que não são para homem de brios.

Mui outro era o sentimento que tomára a alma do conde. Uma affeição pura, espiritual, eterna, divina, fora que lhe brotára no coração. Creado no culto do amor ideal, sentira-o já florescer no peito; mas o sopro esterilizador do vicio queimára-lhe essa flor ao nascer, e mirradas lançára por terra as suas folhas, que lhe refrigeravam o espirito da aridez da vida.

D. Fernando, morto esse primeiro amor, anhelava por ter a quem consagrar os sentimentos mais puros do seu coração, e ansiava por encontrar na terra outra alma, com quem se enlaçasse pelo affecto mais intimo. Em Beatriz depárra elle com um anjo para idolatrar, sem a minima esperanza de colher outro prazer que não fosse o de amar.

E', porem, para notar que, durante esse passeio, que deu pelo valle, não o atormentava o desejo de ver Beatriz. É que elle sentia o que

se sente sempre que ha um amor perfeito, tinha consciencia de que a imagem de Beatriz estava bem gravada na sua alma para sempre. Em toda a parte a via tão bem desenhada como se trouxesse ante os olhos o seu retrato. Nas aguas crystallinas das ribeiras se lhe reflectia ella como nos espelhos do salão do sr. Hickling.

No meio de todo esse jubilo ineffavel assaltaram-no remordimentos de consciencia; é que o conde ouvia uma voz, que lhe segredava que fugisse de Beatriz; o coração, porem, levava-o para ella. Impellido por elle no baile do morgado Alvares Cabral, pediu-lhe a honra de uma contradansa. Indizível tristeza lhe toldava então o rosto de espaços a espaços, e lhe descompunha as feições. Beatriz sentia-se attrair, como por uma influencia magnetica, por essa mysteriosa melancolia. Nos bailes, no seio dos prazeres, a poesia do soffrer intimo do conde captivava-lhe a imaginação e levava-a a inclinar-se para elle de preferencia aos primos, que só sabiam matar-lhe todo e qualquer sentimento com risos pueris e alvares.

D. Fernando, por vezes, parecia-lhe enxergar uns longes de amor em Beatriz, e então fugia della. Após essa contradança sentio isso, e saíu da sala em que ella estava, para outra, em que alguns homens jogavam. Ahi, não se deteve elle por muito tempo, que não era o jogo espectáculo para a sua alma, que transbordava de sentimento.

Elle sentia ir-lhe no peito uma affeição muito pura e celestial, para poder contemplar, por longo tempo, essa aviltção das mais nobres faculdades do homem. As paixões, que se agitavam em torno da banca de jogo, degradavam a natureza humana, que elle, nos seus sonhos de amor, queria divinizar, e por isso não se demorou a observar dois morgados que, namorados de uma dama, porfiavam em perder, sobre ella, sommas avultadas, que tiravam de grandes saccos que, segundo o costume do tempo, para ali haviam levado.

A natureza convidára-o para a ir admirar. Os murmurios das aguas do valle ouviam-se no quarto do jogo, em que retinam peças de muito luzir. Elle, todavia, não as cobiçava, que só para o amor vivia. Saíu, pois, d'ali, para um vasto balcão, que ficava em frente da casa.

Lindissima estava a noite, como de estio que era, e D. Fernando scismava só em Beatriz, cujos olhos meigos lhe brilhavam mais na imaginação do que as myriades de estrellas, que se reflectiam nas aguas crystallinas do valle. De preferencia, portanto, a estas se poz elle a procurar a sua imagem no meio do alvoroço das dansas doudejantes do baile. Ebrio de amor, via a sombra branca de Beatriz voar nos braços do seu par. Então, sentia uma poesia ineffavel com a visão longinqua do anjo dos seus sonhos que, assim, de longe lhe apparecia envolvido pelo mysterio e o amor, que o quer, cresceia lhe no peito. D. Fernando exultava de prazer, por se ver tomado dum sentimento nobre, que engrandece a alma e a levanta para Deus. Um hymno de graças se lhe erguia no coração e se juntava ao da natureza que, namorada de si mesmo, exhalava aromas e perfumes para o Senhor.

O conde estava apaixonado como uma creança e comprazia-se de ver de longe perpassar, em danças alvoroçadas, a virgem dos seus sonhos; é

que o amor nivela as idades, e rejuvenesce os corações a ponto delles acharem encantos nas mais puras e singelas emoções.

Depois desses instantes, passados a contemplar Beatriz, o conde deixou o baile. No outro dia, pela manhã, largou as Furnas com o pretexto de fazer uma excursão nas suas cercanias. É que o seu anjo bom triumphára sobre o máo, e elle convencera-se de que lhe corria estreita a obrigação de fugir de Beatriz.

VI

Que causa mysteriosa, porem, contrastava a inclinação do conde? É o que ora vamos ver, lançando um olhar retrospectivo sobre a sua vida.

Como levamos dito, o conde nascera em Allemanha, creára-se lá e fora educado numa das suas universidades. Conhecemos, pois, succintamente a sua mocidade. Correu ella, como a de quasi todos os mancebos, entre os desvelos de sua mãe, os folguedos e lições infantís, os estudos universitarios e as suas aspirações infinitas e indefinidas, sem scenas tragicas e sem successos romanticos. A sua vida fora, até o sair da universidade, tranquilla e repassada por suaves melancolias, que mais são poesia, saudade do céo, do que magoa verdadeira. Os seus estudos captivavam-lhe todo o espirito e elle mais era um homem de idéas do que de acção.

Quando, porem, largou a universidade, novos horisontes se lhe levantaram ante os olhos da imaginação, e as scenas da sua vida tornaram-se mais variadas e romanticas, e com o romance foi-se-lhe a paz do espirito e a felicidade do coração.

Era o conde, como dissemos, filho de uma antiga e nobre familia de Allemanha. Tinha elle um unico irmão mais velho, o duque de Altamira, homem de maneiras distinctas e de muita e variada instrucção. O duque, porem, cursára uma universidade aristocratica e conservára toda a vida os preconceitos da sua raça! O orgulho doseu nome e brasão era quasi uma monomania no duque.

Vivia elle em um formoso castello gothico, herança da sua familia, havia seculos, e tratava-se á lei de principe. As suas tapadas eram as mais povoadas de feras de todas as que existiam em 30 legoas ao redor. Os jardins, que lhe esmaltavam os campos contiguos ao palacio, estavam talhados pelo gosto italiano; á maneira, porem, que se iam afastando do paço tomavam as fórmas dos inglezes. Todavia, o duque pouco se lhe dava de montar feras ou javalis ou de percorrer os seus vastos jardins; que estudos politicos lhe traziam captivos os poucos mezes, que passava nas suas terras.

Mui outras eram as occupações de D. Fernando quando, regressando da universidade, se recolhera aos paços acastellados de seu irmão. O seu espirito volvia-se todo para a philosophia e as horas corriam-lhe entre os seus livros e as obras de poesia. Bem differentes de seus guerreiros avós, em lugar de accões de armas, só cuidava de theorias. Dos instinctos bellicos de seus avós só lhe ficára o amor pela caça, e das janellas do seu proprio quarto acertava ás vezes a matar alguma, para cujo fim tinha sempre prestes uma lindissima espingarda.

As horas que lhe sobejavam da leitura e do estudo, passava-as namorando a natureza das cercanias do castello com sua cunhada, formosa menina, que o duque deixava jazer fechada em

casa, enquanto elle se dava aos seus trabalhos diplomaticos e que o conde viera soltar, para percorrer com ella a cavallo os jardins, os bosques e as campinas proximas. As vezes tambem saiam com lustrosa cavalgada a caçar nas tapadas visinhas. Um dia, que seguiam, com luzido sequito, ao longo dos muros de um parque dos arredores, appareceu-lhes num mirante uma lindissima menina,

Era uma lourinha de 17 annos de idade, de porte airoso, de physionomia insinuante, de olhar travesso e de modos desenvoltos. Nos olhos de azul celeste liam-se-lhe mil desejos, que o conde tomou por sentimento; nas faces alvas de neve, animadas por um colorido mui leve, se reflectiam paixões ardentes, que D. Fernando julgou exaltação d'alma. O conde via em Maria uma candida filha de Albion, quando só devia ver nella uma creança leviana, prestes a receber com alvoroço as primeiras fallas de amor, que homem do mundo, menos mal parecido, lhe endereçasse. Espirito embrenhado-na philosophia ideal depapára com uma mulher que era, para elle, a encarnação do bello, e começou a nutrir uma afeição excentrica por aquelle ser phantastico.

VII

Volveram mezes, e o conde foi animando essa inclinação, que devera matar logo ao nascer. Animava-o a isso a sua propria cunhada, que lhe deu relações com Maria Anna Smith, que assim se chamava a menina do mirante.

Tristes corriam as horas para a duqueza de Altamira que, nos paços do duque, seu esposo, tinha pouco em que se occupar, e por isso abraçou ella, com enthusiasmo, a idéa de tecer uma rede de amores, para envolver o cunhado. Demais, ella desejava afastar o coração do conde de Maria Thereza de Berg que, antes de se effectuar o seu casamento com o duque, lhe havia causado ciumes, embora injustos, e que, filha herdeira dos duques de Berg, era o casamento, porque o duque anhelava para seu irmão.

Com a ociosidade da duqueza se casava, pois, o seu velho resentimento, para desvirtuar, no coração de D. Fernando, Maria Theresa de Berg, que, então, se achava hospedada no palacio do duque.

Maria Anna Smith estava longe de valer a alma pura, nobre, poetica e espirital da condessa de Berg; mas levava-a de vencida em formosura do corpo e ardís de mulher, e, com esses dotes, prendeu D. Fernando.

Pouco tempo perdeu o conde em galanteios. Louco de amor por Maria não encontrou no seu caminho obstaculos para alcançar a felicidade que imaginára. A menina Smith era riquissima; sua mãe fora casada com um negociante inglez, millionario, e por isso possuia ella um dote immenso. Uma só contrariedade achou o conde, mas que apenas servio para lhe augmentar a paixão. O duque de Altamira era, como já dissemos, fanatico pelas idéas nobiliarias, e levou muito a mal o casamento do conde; este, porem, olhou para as reflexões do irmão com a philosophia que o caracterisava e aquelle córou, pela primeira vez dos seus preconceitos.

O duque de Altamira era um desses raros typos da velha fidalguia, cujos prejuizos mereciam respeito, porque não se dobravam ante considerações de interesse. Chamado pelo seu soberano para cumprir uma missão diplomatica, aproveitou-se desse ensejo para se afastar do castello de Alt Burg, sem assistir ao casamento do irmão que, pouco tempo depois de celebrado o seu consorcio, partio para V.:

VIII

Pouco conhecimento tinha o conde de Maria e por isso se lhe affigurou ser uma mulher poetica, ella, que só era romantica. Julgou que o amor que ella mostrava pelo bello nascia do coração, e elle só vinha de uma imaginação romanesca, ávida de commoções e anciosa por correr após ellas. Mal chegou a V..., quiz passar uma vida remansada, como de homem de sciencia que era, e tratou de inclinar sua mulher para as cousas do espirito; ella, porem, esquivou-se a toda e qualquer cultura da sua intelligencia, que estava bem por desbravar, e começou a ter reuniões em sua casa; onde juntava algumas familias, suas patricias, afim de se distrair, visto que por outra fórma o não sabia fazer.

Cresceram as reuniões no palacio do conde e com ellas as relações da condessa de Altamira. D. Fernando, porem, era sempre o mesmo homem, todo votado á sciencia. Horas que para a condessa corriam no seio dos prazeres, das vaidades do mundo e das lisonjas de mil adoradores, para elle volviam-se no silencio do seu gabinete, no meio das locubrações scientificas de maior transcendencia. Na sua propria casa recebia a condessa numerosas companhias, sem que elle se levantasse da sua banca de estudo afim de trocar quatro palavras com os muitos convivas, que frequentavam os seus bailes. Sempre preocupado pelas suas lides litterarias, achava-se, depois do seu casamento, mais preso, em virtude de uma porfiada discussão que, por via de uma revista scientifica, travára com um dos primeiros philosophos d'alem Rheno.

O conde entendera que, visto que o buliço do mundo era indispensavel a sua mulher, lhe devia permittir saciar a sede ardente do movimento, que a devorava; mas tinha para si que nem por isso lhe corria a obrigação de lhe sacrificar as mais altas e nobres aspirações da sua alma. Elle pensava que lhe cumpria deixal-a obrar como um ser livre e escolher á lei da sua vontade as suas occupações; comtudo, tambem se julgava com direito de dispor das faculdades do seu espirito, e de as furtar ao entorpecimento de uma vida de frivolidades e de mera agitação physica.

A condessa começou a fugir cada vez mais do marido, como de um juiz severo que, tacitamente, censurava as suas frivolas occupações, e a lançar-se no alvoroço dos bailes e das vãs agitações do mundo, que a tornaram mais leviana e vaidosa.

Eram os bailes da condessa de Berg que a sr.^a de Altamira mais frequentava. Nascida de uma familia burgueza, não tinha relações com a aristocracia de... O seu casamento com um fidalgo das mais velhas raças da Allemanha não lhe abria de par em par os salões da sua antiga nobreza, porque ella não tolerava facilmente no seu seio quem se não podia mostrar fidalgo por trinta costados. A condessa de Berg, comtudo, alma generosa, de bom grado lhe perdoára haver-lhe roubado o amor do conde de Altamira, por quem ella começára a sentir uma afeição, e recebia-a em sua casa, com a affabilidade de uma amiga do coração.